



COISAS DO SEXO E DA SEXUALIDADE NA LITERATURA MALDITA DO MARQUÊS DE SADE: AS DELÍCIAS E PRAZERES DO VÍCIO

THINGS OF THE SEX AND OF THE SEXUALITY IN THE DAMN LITERATURE OF THE MARQUIS OF SADE: THE DELIGHTS AND PLEASURES OF THE VICE

Josilene B. do NASCIMENTO¹

Resumo

Possuidor de uma vida considerada de excessos, uma vida como acontecimento, este texto trata de problematizar alguns escritos do Marquês de Sade, perscrutando, principalmente, as transgressões sexuais presentes em sua literatura, caracterizadas pela existência da relação dor/prazer, a partir da discussão “daquilo” que influenciou a invenção do seu pensamento “maldito”. Também discutiremos, a partir do ponto de vista foucaultiano, os monstros sexuais/morais expressos nos contos de Sade e, posteriormente, apresentaremos a dicotômica relação entre a virtude e o vício, o bem e o crime, representada em suas heroínas.

Palavras-chave: Sexo e sexualidade em Sade. Monstro sexual. Transgressão sexual feminina. Literatura maldita.

Abstract

By owning a considerable life, with excesses, a life lived as a happening, this text describes concerns written by Marquês de Sade, exploring mainly the sexual transgressions presented in his literature, characterized by the existence towards the relationship between pain/pleasure and based on the debate of “those” which influenced the invention of the “cursed” thought. Also it will be discussed based on Foucault’s perspective where sexual/moral monsters expressed in Sade’s tales and later on presented the dichotomy relationship between virtue and vicious, good and crime represented by his female heroes.

Keywords: Sex and sexuality in Sade. Sexual monster. Female sexual transgression. Damned Literature.

O francês Donatien Alphonse François, o Marquês de Sade, o originador do termo “sadismo”, nasceu² em 02 de junho de 1740, em Paris, no seio de uma família aristocrática.

Considerado um dos primeiros escritores malditos da modernidade, publicou obras consideradas, por alguns, pornográficas, bizarras e “impensáveis”, e levou uma vida de inúmeros escândalos. Os textos mais maliciosos de Sade, caracterizados por intensa violência e terror sexual, eram tidos como capazes de destruir o corpo e a alma de qualquer leitor. Sua vida desregrada, cheia de episódios de torturas, sodomia e profanações, lhe valeram sucessivas prisões, marcadas por libertações e fugas.

Especialmente influenciado por idéias de materialistas e/ou naturalistas do século XVIII, como La Mettrie e D’Holbach³, autores que o mesmo leu fervorosamente, Sade, subjetivando tais idéias, tomou a natureza como modelo, não podendo ser avaliada em termos de valores morais.

¹ Doutoranda do PPGSC (UFCG)

Membro do Grupo de Estudos de Gênero Flor e Flor (UEPB)

Membro do Grupo de Pesquisa Mídia, Cultura e Consumo (UFPB)

e-mail: ninjosibn@gmail.com

² Morreu, então, em 02 de dezembro de 1814 de insuficiência respiratória, na mesma cidade que nasceu, no hospício de Charenton.

Sade, assim como La Mettrie, defendia que bem e mal são indiferentes: “costumes diferentes de outros povos, ou de outras épocas, comprovam que tais valores podem até se inverter. (...) Os vícios fazem parte do direito natural do homem. Quanto mais libertino ele se torna, mais fiel à natureza será”. (BORGES, 2003, p. 214)

Não podemos deixar de enfatizar que há uma diferença entre o materialismo de La Mettrie e o de Sade. Ora, Sade leu La Mettrie, mas significou-o a seu modo. Segundo La Mettrie o homem seria uma máquina cuja maior felicidade é o gozo.

La Mettrie, um pensador, médico e anatomista francês, defendia que o corpo seria uma máquina⁴, não existindo nenhuma alma atuando independente dele, ou seja: o pensamento – o que poderíamos acreditar ser a alma – era conseqüência da máquina e não algo alheio, fora dela. Se ela não funcionava, tudo parava. Entretanto, era a matéria que gerava o espírito. Com essas palavras, La Mettrie conseguia derrubar qualquer esperança de vida após a morte.

Se somos apenas máquina mortal, já que no dia que a máquina parar nada mais resta, inclusive se há alma ela deixa de existir, ser gentil ou malvado para com os semelhantes, agir bem ou mal, torna-se indiferente, não afetando o funcionamento da aparelhagem de nervos, sangue e músculo de que somos feitos. Portanto, não há mal nenhum em levar uma vida liberta dos esconjuros da religião, dos castigos de Deus e dos medos do inferno. Se desejarmos fazer o bem, devemos fazê-lo por si mesmo, sem interesses pessoais salvacionistas, na ilusão de ir parar no céu, para ficar ao lado de Deus. Se não existe alma, há, porém, pensamento, este vindo do cérebro e não de Deus.

Sade tomou essa idéia e sua obra foi construída, inteiramente, para louvar o prazer. Se Deus não existe, a bondade é um sonho.

Sade também se recusava a acreditar, como o seu contemporâneo Rousseau, na bondade nativa aos homens. “Para Sade, a natureza é um princípio criador onisciente, que tem metas traçadas para as suas criações. Ocupa, portanto, o lugar de Deus. A natureza, em Sade, é Deus destituído da divindade”. (BORGES, 2003, p. 220-221)

Quando falava em natureza, a tratava como o grande agente universal. Assim, por trás de toda ação humana, boa ou má, estavam às intenções na natureza que as determinam. A natureza, nesse sentido, para manter-se equilibrada, precisava dos vícios/maldades quanto das virtudes/bondades. Ao homem bastava ouvir a voz na natureza e segui-la. O homem seria efeito da natureza.

O pensamento de Sade nasceu, então, para legitimar e justificar o desejo, o gozo e a maldade, autorizando a violência.

A partir do exposto, inicialmente iremos perscrutar sobre as possibilidades de existência dos monstros sexuais presentes na literatura maldita do Marquês de Sade. Posteriormente, a partir da dicotômica relação entre a virtude e o vício (libertinagem), discutiremos a transgressão sexual feminina experienciada

³ Em 1770 D’Holbach publica, sob o nome falso de Mirabaud, o “Sistema da Natureza”, obra que influenciará o pensamento sadiano (Borges, 2003, p. 248). O Barão D’Holbach, um ateu muito rico e militante, defendia que o universo é um sistema complexo de substâncias físicas organizadas de acordo com leis mecanicistas de causa e efeito, mais do que desenhado por Deus.

⁴ O resultado dessa especulação filosófica deu-se com a obra *Homme-machine*, o homem-máquina, um devastador ensaio ultra-materialista que circulou em 1748.

por suas heroínas. Logo após, falaremos sobre o sadismo e a busca pelo prazer centralizado nos genitais, apresentando, em contraposição, o sadomasoquismo enquanto possibilitador de várias formas de se obter prazer, numa tentativa de multiplicar os centros de prazer no corpo, recusando a centralização do prazer implicada na redução do prazer corporal ao prazer apenas genital. Finalmente, nas considerações finais, problematizaremos a linguagem “fora de norma”, considerada “louca”, “bizarra”, de Sade.

Os Monstros Sexuais “Inventados” por Sade: uma análise foucaultiana.

Saint- Ange – Acho agora essencial que o veneno⁵ que circula nas veias desta senhora não se exale; por isso, Eugénie, deve cuidadosamente costurar a boceta e o cu, para que o humor virulento, mais concentrado e menos sujeito a evaporar-se, possa calcinar os ossos mais depressa.

Eugénie – Excelente! Vamos, vamos, agulha e linha!... Afastai as coxas, mamãe; vou coser-vos para que não me deis mais irmãos nem irmãs. (*A senhora de Saint-Ange entrega a Eugénie uma enorme agulha contendo um grosso fio vermelho e encerado; Eugénie costura.*)

Mistival – Meu Deus!... Que dor!...

Dolmancé, *rindo como um louco*. – Jesus! Que idéia excelente! Ela te faz justiça, minha cara, eu jamais teria pensado nisso.

Eugénie, *picando de vez enquanto os lábios da boceta, no interior e também no ventre e no grelo*. – Isso não é nada, mamãe; só estou experimentando a agulha.

Cavaleiro – A putinha vai ensangüentá-la! (SADE, 2003, p. 195)

Os contos do Marquês de Sade chegam a ser repugnantes para certos leitores. Em alguns momentos, encontramos uma aguçada zombaria social juntamente com fantasias masturbatórias. Também encontramos cenas tão degradantes e absurdas, consideradas totalmente “fora” da razão, que poderiam significar um marco da perversidade na literatura. Como exemplo, em ‘A Filosofia na Alcova’, romance escrito em 1795, uma mulher idosa, depois de ser humilhada, é estuprada, sodomizada, flagelada, e infectada à força com sífilis.

Em ‘Os 120 Dias de Sodoma’, escrito no final de 1785, temos um libertino que se deixa enrubar – ser sodomizado – e chicoteado, alternadamente, por dois homens, enquanto sodomiza um rapaz, e um ancião defeca em sua boca. As fezes são comidas!

Na obra ‘A Nova Justine ou os Infortúnios da Virtude’, de 1797, o conde de Gernande sangra as mulheres nos quatro membros, deixando-as morrerem, esvaindo-se do próprio sangue. Aqui, a própria Justine sofre todas as desgraças, todo o terror sexual, chegando a ficar prisioneira de seis monges devassos, que seqüestraram, também, outras jovens. Vigiadas por aias, essas jovens são submetidas às paixões criminosas dos monges. “Os horrores se acumulam a ponto de estarem presentes numa simples refeição: as aias anunciam que precisam cagar. – Nos pratos, nos pratos! Diz Clément. – Em nossas bocas, diz Sylvestre”. (ALEXANDRIAN, 1993, p. 201)

Em ‘História de Juliette’, romance escrito também em 1797, a heroína mais monstruosa de Sade “celebra” uma missa negra com o Padre, onde desentranha uma pária grávida no altar do Vaticano. Nos seus

⁵ Depois de receber socos, de ser flagelada com varas de espinhos e sodomizada, a senhora de Mistival, mãe da Eugénie, é estuprada por um homem que contraiu sífilis. Logo após o ato, sua filha, Eugénie, costura-lhe sua genitália para que o esperma contaminado não escorra de seu corpo.

contos, temos orgias, coprofilia, mutilação, necrofilia, pederastia, etc., enquanto alguns temas básicos de sua literatura.

São extravagantes produções em que seus devaneios sexuais correm livres, celebrando todos os vícios concebíveis e alguns inconcebíveis: lesbianismo orgiástico em grande escala, festas homossexuais e incestuosas, envenenamento em massa, canibalismo canalha, virgens entregues a animais selvagens, máquinas assassinas que matavam dezenas de vítimas, engenhosas câmaras de tortura, deboches que satisfaziam as exigências do mais duro coprófilo ou necrófilo – tudo a serviço do orgasmo. (GAY, 1995, p. 201)

Suas personagens são consideradas verdadeiros monstros, aberrações no comportamento sexual. É preciso, no entanto, problematizar como foi possível a criação dos monstros da literatura de Sade.

A figura do monstro, segundo Foucault (2001a), de “monstro humano”, começou a ser delineado a partir de uma noção jurídica, enquanto sendo um ser que além de violar as leis da sociedade, violava, também, as leis na natureza.

O campo de aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer “jurídico-biológico”. Por outro lado, nesse espaço, o monstro aparece como um fenômeno ao mesmo tempo extremo e extremamente raro. Ele é o limite, o ponto de inflexão da lei e é, ao mesmo tempo, a exceção que só se encontra em casos extremos, precisamente. Digamos que o monstro é o que combina o impossível com o proibido. (FOUCAULT, 2001a, p. 69-70)

No entanto, Foucault (2001a), problematizando o monstro, apresenta como foi possível a criminalidade monstruosa deixar de ser efeito da natureza ou da desordem das espécies⁶ para ser efeito do comportamento. Assim, a idéia de monstro moral, ou da monstruosidade de comportamento, surgiu ultrapassando a velha idéia de monstro, transportando “a velha categoria do monstro, do domínio da alteração somática e natural para o domínio da criminalidade pura e simples” (p. 92-93). Foi a partir dessa inversão que se iniciou um processo, em torno de 1765 e, mais tarde, 1820-1830, que permitiu a explosão do problema da conduta monstruosa, da criminalidade monstruosa.

Ora, aqui temos uma idéia de monstruosidade que tem efeitos no campo da conduta e não no campo da natureza mesma. O primeiro monstro moral que aparece, no entanto, é o monstro político, o criminoso político. Assim, a teoria do direito penal em voga na época, legitima que o “criminoso é aquele que, rompendo o pacto que subscrevera, prefere seu interesse às leis que regem a sociedade de que é membro”. (FOUCAULT, 2001a, p. 115)

Ele retorna, portanto, ao estado natural, já que rompeu o contrato primitivo. (...) Como o crime é uma espécie de ruptura do pacto, afirmação, condição do interesse pessoal em oposição a todos os outros, vocês estão vendo que o crime é essencialmente da ordem do abuso de poder. O criminoso é sempre, de certo modo, um déspota, que faz valer, como despotismo e em seu nível próprio, seu interesse pessoal. (idem)

⁶ Nos séculos XVII e XVIII, em pleno regime feudal e da monarquia absoluta, a monstruosidade era entendida enquanto manifestação natural da contranatureza; aberração da natureza. Aqui, o indivíduo monstruoso, do ponto de vista das regras das espécies naturais era, se não sistemática, pelo menos virtualmente, sempre referido a uma criminalidade possível. Ou seja: o monstro, a aberração da natureza – como o hermafrodita, por exemplo – poderia vir a ser um criminoso. Em meados do século XVIII e no século XIX, ao contrário, o criminoso poderia vir a ser considerado um monstro.

Foi por volta dos anos de 1760, ou seja, trinta anos antes da Revolução, que surgiu a idéia, que será tão importante durante a Revolução Francesa, do parentesco entre o criminoso e o tirano, entre o infrator e o monarca despótico.

Há, dos dois lados do pacto assim quebrado, uma espécie de simetria, de parentesco entre o criminoso e o déspota, que de certa forma se dão a mão, como dois indivíduos que, rejeitando, desprezando ou rompendo o pacto fundamental, fazem de seu interesse a lei arbitrária que querem impor aos outros. (ibidem, p. 116)

Essa junção, esse vínculo, entre aquele acima das leis – o soberano – e aquele abaixo das leis – o criminoso –, esse tema a respeito dos dois fora-da-lei, parte do discurso de que o livre arbítrio do tirano soberano é um exemplo para os possíveis criminosos, é a permissão dada ao crime.

De fato, quem não poderia se autorizar a infringir as leis, quando o soberano, que deve promovê-las, impô-las e aplicá-las, se dá a possibilidade de controlá-las, suspendê-las ou em todo caso não as aplicar a si mesmo? Por conseguinte, quando mais despótico for o poder, mais numerosos serão os criminosos. O poder do forte tirano não faz desaparecer os malfetores; ao contrário, ele os multiplica. (idem)

É a partir e durante a Revolução Francesa que esse tema do parentesco entre soberano e criminoso ganha mais força e legitimidade. No entanto, o que é um criminoso?

Um criminoso é aquele que rompe o pacto de vez em quando, quando precisa ou tem vontade, quando seu interesse manda, quando num momento de violência ou de cegueira ele faz prevalecer a razão do seu interesse, a despeito do cálculo mais elementar da razão. Déspota transitório, (...) por fantasia, por furor, pouco importa. O déspota, porém, ao contrário do criminoso, faz valer a predominância do seu interesse e da sua vontade; ele a faz prevalecer de formas permanentes. É por estatuto que o déspota é um criminoso, enquanto é por acidente que o criminoso é um déspota. (...) É por um estado de violência permanente que o déspota pode impor sua vontade ao corpo social inteiro. O déspota é, portanto, aquele que exerce em permanência – fora do estatuto e fora da lei, mas de uma maneira que é completamente intrincada em sua existência mesma – e que impõe de uma maneira criminosa seu interesse. É o fora-da-lei permanente, é o indivíduo sem vínculo social. O déspota é o homem só. É aquele que, por sua existência mesma e apenas por sua existência, efetua o crime por excelência, o crime da ruptura total do pacto social pelo qual o próprio corpo da sociedade deve poder existir e manter. (FOUCAULT, 2001a, p. 117)

Aqui é notório que o déspota é o indivíduo que usa a violência, ou pela violência impõe suas vontades, sua não-razão, como lei geral ou como razão de Estado. Obviamente esse déspota era o rei, o rei tirânico, que do seu nascimento até à sua morte, exercitava o seu poder despótico. O rei tirânico é simplesmente um monstro.

O primeiro monstro jurídico que vemos surgir, delinear-se no novo regime da economia do poder de punir, o primeiro monstro que aparece, o primeiro monstro identificado e qualificado, não é o assassino, não é o esturpador, não é o que infringe as leis da natureza; é o que infringe o pacto social fundamental. O primeiro monstro é o rei. (...) Parece-me, em todo caso, que a queda de Luís XVI e a problematização da figura do rei assinalaram

um ponto decisivo nessa história de monstros humanos. Todos os monstros humanos são descendentes de Luís XVI. (ibidem, p. 118)

Por volta de 1790, surge uma série de livros escritos, verdadeiros anais dos crimes reais, que colocam o problema do rei que é criminoso, o monstro.

É também a época em que Luís VXXI e Maria Antonieta são representados em todos os panfletos como o casal monstruoso, ávido de sangue, ao mesmo tempo chacal e hiena. (...) É principalmente acerca de Maria Antonieta que essa temática do monstro humano vai se cristalizar, Maria Antonieta que acumula, nos panfletos da época, um certo número de traços próprios da monstruosidade. Claro, ela é em primeiro lugar, ela é essencialmente estrangeira, isto é, ela não faz parte do corpo social. Ela é, portanto, em relação ao corpo social do país em que reina, a fera. Ela é em todo caso o ser no estado natural. (FOUCAULT, 2001a, p. 121)

Maria Antonieta é apresentada nos panfletos da forma mais perversa possível: é a mulher depravada, entregue à libertinagem, ao incesto, à homossexualidade. Ela é a própria figura do monstro, a figura depravada, da depravação sexual.

Em contrapartida, em oposição ao monstro real, na mesma época, na literatura adversa, a literatura contra-revolucionária, antijacobina, surge a figura de um outro monstro: o monstro que rompe o pacto social não pelo abuso de poder, mas pela revolta.

Como revolucionário e não mais como rei, o povo vai ser precisamente a imagem invertida do monarca sanguinário. Ele vai ser a hiena que ataca o corpo social. (...) É essencialmente a propósito dos massacres de setembro que vocês vêem o outro perfil do monstro: o monstro popular, o monstro que rompe o pacto social, de certa forma a partir de baixo, ao passo que Maria Antonieta e o soberano rompiam a partir de cima. (ibidem, p. 123)

Autores da época descreveram os massacres de setembro apontando as crueldades desse povo revoltado, que assavam pessoas e as comiam; que violentavam as mulheres sexualmente; que bebiam sangue. Aqui temos a figura do depravado-antropófago.

Os dois temas, interdição sexual e interdição alimentar, ligam-se com muita clareza nessas duas primeiras figuras de monstro e de monstro político. Essas duas figuras pertencem a uma conjuntura precisa, embora também retomem temas antigos: a depravação dos reis, a libertinagem dos grandes, a violência do povo. (FOUCAULT, 2001a, p. 124)

Na realidade, o massacre de setembro foi uma espécie de reivindicação popular, exigindo uma justiça mais violenta e incisiva, mais justa que a justiça institucional.

É importante mencionar que essas figuras de monstros influenciaram a literatura da época, mais precisamente, a literatura do terror. É aqui que esses monstros inscritos no campo do comportamento, esses monstros da moral, políticos, surgem, também, na literatura de Sade.

De um lado, temos o monstro por abuso de poder: é o príncipe, é o senhor, é o mau padre, é o monge culpado. Depois, temos também, nessa mesma literatura de terror, o monstro de baixo, o monstro que volta à natureza selvagem, o bandido, o homem da floresta, o bruto com seu instante ilimitado. (ibidem, p. 124-125)

Em Sade, na maior parte de seus romances, existem essas duas formas monstros: “em todo caso em Juliette, há esse acoplamento regular entre a monstrosidade do homem do povo, a monstrosidade do ministro e a monstrosidade do revoltado, e a cumplicidade de um com o outro” (FOUCAULT, 2001a, p. 125). Ora, em Sade a libertinagem é sempre ligada a um desvio de poder. Aqui o monstro é sempre alguém a quem possui dinheiro, o poder político, a reflexão. São esses poderes que permite ao indivíduo se voltar contra a natureza, tornando-se, nesse caso, monstro.

De sorte que, no monstro de Sade, por esse excesso de poder, a natureza se volta contra ela mesma e acaba anulando sua racionalidade natural, para não ser mais que uma espécie de furor monstruoso que se abate não apenas sobre os outros, mas sobre ela própria. A autodestruição da natureza, que é um tema fundamental em Sade, essa autodestruição numa espécie de monstrosidade sem amarras, sempre é efetuada pela presença de um certo número de indivíduos que detêm um superpoder. O superpoder do príncipe, do senhor, do ministro, do dinheiro, ou o superpoder do revoltado. (ibidem, p. 126)

O monstro em Sade ou vem da escória do povo, erguendo a cabeça contra a sociedade estabelecida, ou é um príncipe, um senhor, que detém sobre todos os poderes sociais, um superpoder sem lei. “Como quer que seja, o poder, o excesso de poder, o abuso de poder, o despotismo, são sempre, em Sade, o operador da libertinagem. É esse superpoder que transforma a simples libertinagem em monstrosidade”. (idem)

A Virtuosa Justine e as Libertinas Eugénie e Juliette: a transgressão sexual feminina

Eugénie, personagem da obra “A Filosofia na Alcova”, é uma jovem e bela virgem, que passou boa parte da sua vida reclusa em um convento, entregue a uma casa de libertinagem pelo próprio pai, um libertino fervoroso, para ser iniciada/educada nas “artes” do sexo durante dois dias. O objetivo daqueles que a recebem é inculcar em “sua linda cabecinha todos os princípios da libertinagem mais desenfreada”, abrasá-la com todo o fogo do desejo sexual, pervertê-la, corrompê-la, levá-la à devassidão. (SADE, 2003, p. 19) Eugénie, então, torna-se uma grande libertina, chegando, no final do romance, a torturar sua própria mãe.

Nos escritos do Marquês de Sade é freqüente encontrarmos uma dicotômica relação entre a virtude e o vício; o bem e o crime. Como exemplo, nos romances gêmeos, considerados os mais conhecidos, “Justine, ou os Infortúnios da Virtude”, tendo sua primeira edição⁷ escrita em 1791, e “História de Juliette”, a irmã de Justine, publicado em 1797, é evidente essa relação entre seres sensíveis e virtuosos, e seres libertinos e criminosos.

Justine e Juliette são filhas de um grande comerciante, educadas em um dos melhores conventos de Paris. Porém, uma falência fulminante precipitou o pai das jovens, que, no desespero, fugiu para Inglaterra deixando as duas filhas com sua esposa, que morreu oito dias depois da sua fuga. Os parentes, ao descobrir da falência, deram-lhes as costas e o convento vinte e quatro horas para saírem. As duas irmãs, então, se separaram sem nenhuma promessa de reencontro, pois seus caminhos eram diferentes.

⁷ Em 1797 é publicado “A Nova Justine, ou os Infortúnios da Virtude”.

A ingênua Justine, então, é personificadora da virtude, ou da moral cristã, parecendo uma mártir da Igreja Católica, defensora do bem, que sempre acaba, inocentemente, sendo envolvida em crimes, assassinatos e depravações, e Juliette, sua irmã três anos mais velha, aventurou-se pelos caminhos da maldade e do prazer de ser livre, se entregando aos “instintos”, encontrando-se com o crime, a devassidão, os gostos escandalosos e bizarros.

Há, na verdade, uma relação de subordinação entre o virtuoso e o sádico. A jovem Justine é constantemente punida por ser virtuosa, ou pelos seus atos virtuosos, porém, é incapaz de acreditar que a vida e os seres humanos pudessem ser tão cruéis e injustos. Justine jamais pára de tentar fazer o bem.

E por isso é repetidamente estuprada, submetida a horríveis indignidades sexuais, marcada a ferro como ladra, açoitada quase até a morte. Num contraste inteiramente violento, a irmã Juliette, prostituta, envenenadora, muitas vezes assassina, talvez a mais viciosa mulher de toda ficção, prospera em tudo o que faz e se delicia com todos os vícios que experimenta. No final, Juliette e seus amigos mandam Justine para fora durante uma tempestade e se alegram ao vê-la atingida mortalmente por um relâmpago. A própria natureza sorria ao vício. (GAY, 1995, p. 201)

Como explicar essa nítida relação na literatura sadiana? Borges (2003), no posfácio à obra “Filosofia na Alcova”, afirma que o século XVIII foi particularmente à época onde surgiram as mais diferentes formas de literatura romanesca. Havia uma multiplicidade de gêneros romanescos como o romance histórico e galante, o psicológico, o epistolar, o realista, o sentimental, em diálogos, o filosófico, o libertino, de costumes, ou seja, “os gêneros não apenas são muitos como também parte desses romances apresentam uma estrutura híbrida, com mais de um ou vários gêneros condensados”. (p. 209)

As obras de Sade, não imunes a esses tipos de romances híbridos, contêm em si múltiplos temas.

Em sua obra, pratica vários gêneros entre os recorrentes do século e quase sempre recombina-os no interior de um único romance, como em ‘Aline e Valcour’, publicado em 1795, o mesmo ano de ‘A Filosofia na Alcova’. Formas como a do romance epistolar, do romance picaresco, do romance filosófico estão presentes. (BORGES, 2003, p. 210)

Na época de Sade, a burguesia emergente tornou o romance o principal veículo literário para expressar-se.

Observa-se a eclosão daquilo que se convencionou chamar de “romanesco”, de que a burguesia necessitava sentimentalmente. (...) Mas o fenômeno conhece seu apogeu sobretudo com a explosão sentimental provocada pela *Nova Heloísa* de Rousseau, que conquista definitivamente o leitor burguês. Segundo Henri Coulet, (...), o romance sentimental torna-se a categoria dominante do gênero romanesco, e prepara o arrebatamento literário seguinte, o Romantismo, ponto culminante dessa tradição. (ibidem, p. 209)

Sade, no entanto, leitor assíduo de Rousseau, tornou-se um de seus maiores críticos. Combate o idealismo sentimental manifesto não só nos romances de Rousseau, mas de boa parte dos romances escritos

na época. Assim, mesmo usando a mistura de gêneros num mesmo romance, comum para os escritores da época, a forma de Sade tratar os temas é de outra ordem.

Para isso, lança mão de um poderoso recurso: a paródia. Tal procedimento faz parte da estratégia do texto sadiano, procedimento que o lingüista russo Bakhtin denominou de dialogismo, o diálogo das vozes extraídas de discursos e contextos distintos em planos que se cruzam na narrativa. No caso de Sade, o “discurso do outro”, ou seja, o objeto lingüístico parodiano, é a fala das heroínas tradicionais dos romances de ideologia sentimental, representado em Sade pela linguagem das vítimas. (ibidem, p. 210)

Bakhtin (in Kristeva, 1974, p. 64, apud Borges, 2003, p. 210), afirma que todo texto, na realidade, “é absorção e transformação de outro texto”, ou seja: como qualquer romance polifônico⁸, o texto está sempre fazendo uma leitura de um “corpo literário” anterior na medida em que o absorve. Segundo Kristeva (1974 apud Borges, 2003, p. 210), “há a inserção da história no texto, e do texto na história”.

Isso faz com que, por extensão, a crítica de Sade também atinja em cheio à sociedade de seu tempo, principalmente no que diz respeito a um de seus traços marcantes, o idealismo sentimental.

O idealismo sentimental pode ser detectado em boa parte da literatura e das artes do século XVIII. Seus valores incensados são a virtude, a sensibilidade, a bela moralidade, a “boa Natureza” (ao contrário do sentido que lhe confere Sade) e todo o ideário cristão de amor ao próximo como a solidariedade, a piedade, a identificação sentimental e o remorso. (BORGES, 2003, p. 211)

É a supervalorização dos sentimentos, dos bons sentimentos. Tal valorização é própria do século das luzes. Temos nos romances da época representações desse modelo: as heroínas romanescas, por exemplo, são virtuosas, sentimentais, como a Justine do próprio Sade e a Julie de Rousseau⁹. “Parodiando o discurso sentimental, sobretudo as vozes de suas heroínas virtuosas cujo modelo exemplar é a Julie de Rousseau, Sade trava uma verdadeira guerra textual contra a corrente triunfante do sentimento e da sensibilidade”. (idem)

No entanto, nos textos de Sade, há também exemplos da retórica sentimental nas falas de algumas de suas heroínas virtuosas ou não, como nas falas da senhora de Mistival, em ‘A Filosofia na Alcova’, por exemplo:

MISTIVAL – O céus! Minha Eugénie está perdida, está claro... Eugénie, minha querida Eugénie, ouve pela última vez as súplicas desta que te deu a vida; creio não ser isto mais ordens, minha filha, são preces! Desgraçadamente é verdade que estás aqui entre monstros; foge desse comércio perigoso e acompanha-me, eu te peço de joelhos! (*ajoelha-se diante dela*). (SADE, 2003, p. 188)

Em Sade é evidente a subordinação da relação existente entre os seres sensíveis e virtuosos pela relação entre os seres libertinos com suas vítimas.

⁸ O uso da polifonia refere-se à crítica de um discurso construída a partir de outro.

⁹ Sade, quanto à natureza, vai contra Rousseau e a tendência de seus contemporâneos de creditar bondade nativa aos homens. Ora, no século XVIII, segundo afirma Borges (2003, p. 224), “as duas correntes simétricas e opostas, a sentimental e a materialista, conheceriam seus representantes mais radicais em Rousseau e Sade, No primeiro, a alma não tem corpo, e seu fundamento é Deus, no segundo, o corpo não tem alma e deposita na natureza seu fundamento”.

De um lado, o sofrimento das vítimas faz o prazer dos libertinos; de outro, os valores do idealismo sentimental são atacados, ridicularizados e destruídos pela palavra desses devassos. De modo geral, ocorre o seguinte nos romances de Sade: contam-se duas histórias paralelas (e complementares) que se cruzam, se entremeiam: a dos infortúnios da virtude e a das prosperidades do vício. (BORGES, 2003, p. 213)

Vício e virtude são representados na figura de duas personagens. Como já foi evidenciado, o exemplo maior dessa forma de oposição encontra-se nas obras “Justine, ou os Infortúnios da Virtude” ou “A Nova Justine, ou os Infortúnios da Virtude”, seguida da “História de Juliette”, sua irmã. As histórias sempre são a favor dos libertinos, e o discurso virtuoso vai perdendo poder, assumindo um papel cada vez menor, principalmente, como afirma Borges (2003), nas obras mais radicais como “Os 120 dias em Sodoma” e as duas anteriormente citadas.

Em relação, ainda, às mulheres, afirmava que não seria justo e/ou certo as jovens manterem-se virgens para atenderem imposições familiares.

SAINT-ANGE – Ouve-me então, Eugénie. É um absurdo dizer que, ao deixar o seio de sua mãe, uma moça deva, a partir de tal momento, tornar-se vítima da vontade dos pais e permanecer assim até o último suspiro. Não é um século em que a extensão e os direitos do homem acabam de ser aprofundados com tanto cuidado, que as jovens devem continuar se achando escravas de suas famílias, quando é constante que os poderes dessas famílias sobre elas são totalmente quiméricos. (...) Os frutos do gozo do macho e da fêmea não possuem toda a liberdade possível, todos os direitos? (...) Com que direito os filhos do homem devem submeter-se a outros deveres? E quem funda tais deveres senão a avareza ou a ambição dos pais? Ora, pergunto se é justo que uma garota, que começa a sentir e a raciocinar, se submeta a tais freios? Não é o preconceito apenas que prolonga esses grilhões? Há coisa mais ridícula do que ver uma jovem de quinze ou dezesseis anos ardendo de desejos que é obrigada a vencer, esperar, em tormentos piores que os do inferno, que agrade a seus pais, após tornarem sua juventude infeliz, sacrificar também sua maturidade imolando-a a sua pérfida ambição, associando-a, a contragosto, a um esposo que não vale a pena ser amado ou que tem tudo para ser odiado? (SADE, 2003, p. 47)

Defendia, ainda, que a mulher poderia cometer o adultério, cair na libertinagem, “foder” com dez homens ou mais, desde que durma com seu marido, para, caso engravide, ele não tenha como provar que a criança ao nascer não lhe pertença. Criticava a idéia da inviolabilidade do ânus feminino, lembrando os prazeres que dele podiam ser usufruídos. Defendia, também, que a sodomia desviava do grande caminho a semente do homem, podendo ser uma prática de contracepção para mulheres casadas ou não.

SAINT-ANGE – Uma mulher só se expõe aos riscos de ter filhos deixando-se foder pela boceta. Ela deve evitar por precaução essa maneira de gozar. Em lugar disso, pode oferecer indistintamente a mão, a boca, os seios ou o olho do cu. Por essa última via, terá muito prazer, bem mais do que nas outras, pelas quais só irá proporcioná-lo. (SADE, 2003, p. 57)

Quanto à idéia de amor romântico ou dos laços de amor, defende que a mulher jamais deve conhecê-los.

DOLMANCÉ – O que é o amor? Só podemos considerá-lo, creio, como o efeito que nos causam as qualidades de um belo objeto. (...) Se possuirmos esse objeto, ficamos contentes; mas se nos é impossível tê-lo, nos desesperamos. Qual a base deste sentimento?... o desejo.

Quais as suas conseqüências?... a loucura. (...) Oh, moças voluptuosas, entregai vossos corpos o mais que puderdes! Fodei, diverti-vos, eis o essencial. Mas fugi cuidadosamente do amor. (...) As mulheres não foram feitas para um único homem: a natureza as criou para todos. (ibidem, p. 113-114)

Sade repudiava, também, o fato das mulheres, na época, serem tratadas como objetos masculinos. Mesmo afirmando que as mulheres, no estado da natureza, nascem *vulgívas*, gozando as vantagens dos outros animais fêmeas e pertencendo, como elas, sem nenhuma exceção, a todos os machos, o interesse, o egoísmo e o amor degradaram essas finalidades naturais. Ora, acreditou-se que se poderia enriquecer tomando uma mulher e com ela os bens de sua família (satisfazendo os dois primeiros princípios); também raptava-se essa mulher para ligar-se a ela (o amor como segundo motivo da ação). “Jamais um ato de posse pode exercer-se sobre um ser livre; é tão injusto possuir exclusivamente uma mulher quanto possuir escravos”. (SADE, 2003, p. 149)

Era a partir desse discurso que Sade defendia que homens e mulheres nascem iguais em direito, são livres e, por isso, jamais um sexo pode se apoderar com exclusividade do outro; jamais se pode conceder direito legítimo a um sexo em relação ao outro. “O ato de posse só pode se exercer sobre um imóvel ou um animal, jamais sobre um indivíduo que se nos assemelhe”. (idem)

No entanto, não podemos deixar de estranhar que, mesmo defendendo que o homem não tem o direito de ligar uma mulher a si mesmo como propriedade privada, ele tem direito de obrigá-la a satisfazê-lo caso ela queira por qualquer motivo recusar-se. “Não tenho nenhum direito de propriedade sobre uma certa fonte que encontro em meu caminho, mas tenho todo o direito de usufruí-la”. (idem)

A estas mulheres que acabamos de escravizar de forma tão cruel, devemos incontestavelmente indenizar, e isso responderá a segunda questão que me propus. Se admitimos (...) que todas as mulheres devem ser submissas aos nossos desejos, certamente devemos permitir-lhes que também satisfaçam amplamente os seus. (SADE, 2003, p. 151)

Ora, aqui, para Sade, uma moça, desde a mais tenra idade, deve ficar livre dos laços paternos para que tenha o direito à liberdade de gozar igualmente de todas as maneiras que julgar digna de satisfazê-la. Elas devem ter o direito de entregar-se a tantos homens quantos desejarem; que tenham a permissão, como os homens, ao gozo de todos os sexos e de todas as partes de seu corpo.

O Sadismo Ritualizado de Sade: a centralidade dos genitais

A transgressão sexual, obviamente, ganha destaque na literatura de Sade. As violências que acompanhavam suas práticas sexuais faziam dele um tipo de abominação particular. Segundo Sade, a sodomia permitia o maior grau de prazer, de gozo para o homem. Seria o melhor lugar para gozar; o altar do prazer.

DOLMANCÉ – ora, o altar é o cu! A natureza, meu caro cavaleiro, se perscrutares com cuidado suas leis, jamais indicou outro à nossa homenagem que não fosse o olho do traseiro; ela permite o resto, mas ordena este. Ah, por Deus! Se não tivesse a intenção de que fodêssemos cus, teria ajustado tão proporcionalmente seu orifício aos nossos membros? Seu orifício não é redondo como eles? (SADE, 2003, p. 93)

Além de defender o direito das mulheres à busca do prazer sexual sem limites e os prazeres sodomitas, Sade legitimava um discurso falocêntrico, incitava os gozos incestuosos, as masturbações, o sexo oral.

SAINT-ANGE – O cetro de Vênus que tens sob os olhos, Eugénie, é o primeiro agente dos prazeres do amor. Denomina-se *membro* por excelência. Não há uma parte do corpo humano em que ele não se introduza. (SADE, 2003, p. 28)

SAINT-ANGE – Meu irmão. Ele me adorava desde a infância; já nos nossos primeiros anos nos divertíamos, mas sem chegar ao fim. Prometi-lhe que me entregaria a ele quando me casasse e cumpri minha palavra; felizmente meu marido não interferiu: ele pôde colher tudo. Continuamos nos entregando a esta intriga, mas sem importunarmos um ao outro; e não deixamos de mergulhar, ambos, cada um por seu lado, nos mais divinos excessos da libertinagem. Servimo-nos ainda mutuamente; eu lhe arranjo mulheres, ele me apresenta homens.

EUGÉNIE – Que arranjo delicioso! Mas o incesto não é um crime?

DOLMANCÉ – Como considerar assim a mais doce união da natureza, a que ela mais prescreve e aconselha? Refleti por um momento, Eugénie. Como a espécie humana, após as enormes desgraças que enfrentou nosso globo, poderia de outro modo se reproduzir a não ser pelo incesto? Não encontramos a prova e o exemplo disso nos livros respeitadas pelo cristianismo? As famílias de Adão e de Noé poderiam de outro modo perpetuar-se a não ser por esse meio? (...) dupliquemos, tripliquemos sem medo esses deliciosos incestos, admitindo que quanto mais próximo estive o objeto de nosso desejo, maiores encantos teremos no prazer de gozá-los. Um de meus amigos vive normalmente com a filha que teve com a sua própria mãe. Há menos de oito dias, deflorou um garoto de treze anos, fruto de suas relações com a filha. Dentro de alguns anos, esse mesmo jovem se casará com a mãe (...). (ibidem, p. 65)

SAINT-ANGE – (...) O gozo pela boca é infinitamente mais agradável, tanto para o homem como para a mulher. O melhor modo de desfrutá-lo é quando a mulher de deita sobre o corpo de seu fodeador em sentido contrário. Ele enfia o pau em vossa boca, e, com a cabeça entre vossas coxas, retribui-vos aquilo que vos prestais, introduzindo a língua na boceta ou no clitóris (...). (ibidem, 58)

Uma das características principais dos escritos sadeanos é a existência da relação dor/prazer. Nesse sentido, a dor, praticada ou sofrida, apresenta-se como um excitante e perverso meio de alcançar o gozo. A meta do libertino é o gozo, não importando quais meios serão usados para alcançá-lo. “Espera, cavaleiro, espera... Eu mesmo vou introduzi-lo; mas, antes, peço a bela Eugénie perdoar-me... é preciso que me permita açoitá-la para ficar estimulada.” (*Açoita-a*) (DOLMANCÉ, SADE, 2003, p. 108)

Nos escritos de Sade, então, temos estupro, flagelações, incesto, sodomia, homoerotismo, sexo grupal, etc., caracterizando uma sexualidade estreitada no que poderíamos denominar de “contra-a-norma” de sexualidade defendida na época, uma sexualidade monogâmica, heterossexual e procriativa.

Sade, defensor do naturalismo, acreditava que o instinto sexual não teria um propósito e, por isso, não haveria uma maneira de frustrar o propósito do sexo, pois o sexo não teria propósito. Assim, o instinto sexual não existia para levar os animais apenas à reprodução. Seu ateísmo intelectual defendia que o único Deus existente era a natureza, para a qual o bem e o mal não são aspectos antagônicos, mas sim essenciais para a manutenção do equilíbrio, legitimando, a partir dessa concepção, a perversão sexual como apenas o

outro lado de vivenciar o prazer sexual, e não como sendo uma patologia, uma prática realizada por um “louco/pervertido” sexual.

Para Foucault (2001b), no entanto, o erotismo presente nos escritos de Sade, mesmo repleto de ousadias, quebra de normas de sexualidade, é disciplinar: uma erótica disciplinada. Em Sade, o sexo (genitais) é o fundamento do prazer, por isso a extrema importância dada à manipulação dos genitais. É a codificação do prazer mediante o sexo, ou seja, sua canalização e genitalização, que limita e impede a imaginação da capacidade do corpo de experimentar prazer.

Não há loucura orgânica em Sade, tudo existe a partir de um manual de anatomia. Sade era um anatomista meticuloso. Sadismo meticuloso, disciplinar, anatômico. Sade formulou o erotismo próprio a uma sociedade disciplinar, regulamentada, anatômica, hierarquizada, com seu tempo cuidadosamente distribuído, seus espaços quadriculados, suas obediências e suas vigilâncias. (FOUCAULT, 2001b, p. 370)

O sadismo é ritualizado, inscrito numa forma rigorosa, regulamentado milimetricamente, é localizado.

A fixação nos genitais na compreensão do corpo corresponde à concepção de Sade, para o qual o corpo está fortemente ancorado organicamente e numa hierarquia, organizada não a partir da cabeça, mas do sexo. A erótica formulada por Sade pertence a uma sociedade disciplinar hierarquizada e regulamentada, uma sociedade soberana. (ORTEGA, 1999, p. 147)

Ora, Ortega afirma que uma das características da sociedade ocidental é o fato de considerar o sexo como o fundamento do prazer, ou seja: a canalização e genitalização do prazer limita e impede a imaginação da capacidade do corpo de experimentar prazer. Esse dispositivo da sexualidade proporcionou à formação de uma *scientia sexualis*.

Em Sade há uma fixação nos genitais; há uma busca desenfreada pelo orgasmo. Foucault apud Ortega (1999) apresenta um outro tipo de erótica “não disciplinada”, contrária à erótica de Sade, uma economia do prazer não normatizada sexualmente. É o que ele denomina de dessexualização do corpo, uma possibilidade de multiplicar os centros de prazer (que em Sade é fixada apenas na genitália), um tipo de “anarquização do corpo”, uma “dissolução do orgânico”, “diametralmente oposta à erótica genital, orgânica e hierárquica de Sade. Seu objetivo seria intensificar cada parte do corpo, fazer de cada fragmento do corpo uma fonte de prazer, ou seja, utilizando a terminologia de Deleuze e Guatarri, produzir um corpo sem órgãos” (ORTEGA, 1999, p. 147). Nesse sentido, o sexo (genitais) não poderia ser considerado como o limite último da sexualidade e do prazer.

O descentramento genital, a dessexualização do corpo, seria possível por um sadomasoquismo que possibilitaria várias formas de se obter prazer, numa tentativa de multiplicar os centros de prazer no corpo, recusando a centralização do prazer implicada na redução do prazer corporal ao prazer apenas genital.

Foucault apresenta esse tipo de sadomasoquismo que dessexualiza o prazer, criando novas possibilidades de obter prazer, mostrando “como se pode produzir prazer com objetos estranhos, com partes raras do corpo e em situações singulares” (FOUCAULT apud ORTEGA, 1999, p. 147). Aqui Foucault se opõe à valorização dos genitais, tão supervalorizada em Sade, mostrando que as práticas sadomasoquistas

permitem um prazer assexual, ou seja, que não culmina no orgasmo, e em que os sentimentos físicos atingem uma intensidade tão extremas que a maioria das cenas acontece sem ereção dos parceiros. Essas práticas denominadas desvirilizantes permitem desenvolver uma nova erótica não orientada para a manipulação apenas genital, mas uma forma de empregar o corpo e os prazeres contra o dispositivo da sexualidade: são os prazeres polimorfos.

Considerações Finais: problematizando a linguagem “louca” de Sade.

A literatura de Sade surgiu no espaço em que ela deveria ser excluída. Ele redigiu praticamente toda a sua obra em estado de aprisionamento. Podemos, então, pensar Sade como sendo um escritor louco ou um portador de espírito livre e crítico? É certo que a subjetividade de Sade nos põe em alerta sobre o que poderia ser razão e delírio/loucura/desrazão. Percebemos, em seus escritos, uma ruptura com os modos “corretos”, “disciplinados”, de escrita, exatamente porque a sua linguagem é estranha, até absurda, aos nossos olhos. É como se houvesse uma perda de controle “consciente” sobre a linguagem. Seus escritos parecem negar, muitas vezes, possibilidades de existência real. Assim, esse jogo entre o real e o imaginário, o verdadeiro e o fictício, presente em sua literatura, uma literatura de invenção, tem o objetivo de apresentar sua linguagem, sua singularidade.

Segundo Borges (2003), a fala/escrita de Sade, considerada subversiva, visibiliza a sua forma de apropriar-se do mundo, de significá-lo, levando o homem além de seus limites. Há, em sua literatura, outras possibilidades de experienciar a vida, mais precisamente, o prazer sexual. Assim, a sua escritura é formada não apenas de pensamento, mas de experiências vividas. Em contrapartida, tais experimentos são exatamente as condições de seu próprio pensamento.

Sade, porém, para vivenciar toda a possibilidade sexual em seus escritos, correu o risco de tornar-se louco, ultrapassando os limites da experiência intelectual. Era essa escrita louca, transgressão sexual, o mundo da loucura que, segundo Foucault (2002), havia sido afastado a partir do século XVII¹⁰, que de repente ressurgiu na literatura.

Assim, o que significa o escritor louco? E o que significa a loucura do ponto de vista da escrita, da literatura? Será que se refere a uma patologia mental que se exterioriza via uma escrita, uma linguagem delirante? Ou seria uma forma de experiência de vida, que se produz na linguagem e pela linguagem?

Ora, aqui a loucura seria a transgressão do limite, e não uma enfermidade mental: aquilo do que falam os psiquiatras, aquilo que tem sido reduzido pela racionalidade. A linguagem louca seria aquela que transgredir o próprio limite do jogo, das regras, da linguagem.

O que a escrita literária “louca” tem de mais preciosa é a sua capacidade de liberdade, de enfrentar a história e o mundo disciplinado dos homens, para surgir fora de seus limites. Tal escrita captura o outro com

¹⁰ Para Foucault (2002), no Ocidente, até meados do século XVII, havia uma tolerância em relação aos loucos e para a loucura, embora esse fenômeno da loucura fosse definido por um sistema de exclusão e de recusa: ele era admitido no tecido da sociedade e do pensamento. Os loucos e a loucura eram certamente repelidos para as margens da sociedade, mas eram amplamente disseminados na sociedade em que evoluíam. Embora sendo seres marginais, não eram completamente excluídos, mas integrados ao funcionamento da sociedade. Depois do século XVII, produziu-se uma grande ruptura: “toda uma série de modalidades transformou o louco como um ser marginal em um ser completamente excluído. Essas modalidades constituíam um sistema fundado sobre a força policial tal como o internamento e os trabalhos forçados”. (FOUCAULT, 2002, p. 236 -237)

sua singularidade. A presença de Sade deve capturar o outro, perturbar o outro, se não a sua presença não possui sentido, se passa despercebido. Tal presença dilacera a ilusão de normalidade.

Ao construir o inesperado, Sade visava desconcertar, desmistificar, os hábitos de nossa razão, obrigando-nos a pensar diferente, ferindo nossas certezas, problematizando-as. Era um convite à ousadia. Seria um sim para a abertura do espírito. Um espírito formado de ambivalências, devires, fluxos. Uma reivindicação de si mesmo, singular, suas variações, a heterogeneidade, a possibilidade de uma vida complexa, polissêmica e plural. É uma recusa a qualquer tipo de semelhança, ao dever-ser.

Mas entre o social e o individual, onde ficaria "Sade"? Sabemos que ele negou, em parte, o social, o que lhe era dado como veste, como verdade. Transcendeu essas subjetividades, esses modelos de como ser sujeito inventados socialmente. Na relação consigo mesmo pôde transformar seu próprio modo de ser, deslocando-se de um tipo de subjetividade para outra. Inventou linhas de fuga, resistiu. Era um desejo seu de originalidade?

Como sujeito autônomo, a possibilidade de transgressão, principalmente, sexual, instaura um campo problemático do pensamento na tematização das questões da autonomia e da liberdade: um tipo de relação que determina como o indivíduo se constitui como sujeito moral de suas próprias ações.

A liberdade instaurada aqui é aquela assentada sob uma certa forma de relação do indivíduo para consigo. É uma atitude do indivíduo em relação a si mesmo, a maneira pela qual ele – Sade – garante sua própria liberdade no que diz respeito aos seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si.

A escrita de Sade, supostamente, também tinha como função criticar a sociedade européia, mas precisamente, a sociedade francesa. No seu romance ‘Justine’, mesmo criticando o Antigo Regime, apresenta a revolução de 1789 como sendo a causadora de uma experiência desenganadora, absurda. Essa nova ordem é ridicularizada, também, em ‘As Prosperidades do Vício’. Em ‘Filosofia na Alcova’, justifica todas as crueldades sexuais e o vício sob a alegação de que tal proceder é republicano. Aqui, o texto trata de uma irônica denúncia à República de Robespierre. Em ‘Juliette’, procurando dismantelar a Revolução Francesa, Sade cria uma semelhança entre a jacobina ‘Sociedade dos Amigos da Constituição’ e a fictícia ‘Sociedade dos Amigos do Crime’. “Sade, por mais que fosse anarquista, era, antes de tudo, aristocrata: com certeza ele tomou medidas para não ser vítima da revolução, mas não escondeu sua repulsa pelos jacobinos”. (FOUCAULT, 2002, p. 244)

Segundo ainda Foucault (1997), o sangue, por muito tempo, como no caso da França, antes da Revolução Burguesa, constituiu um elemento fundamental nos mecanismos do poder, em suas manifestações e rituais. Assim, numa sociedade onde predominava os sistemas de aliança, o poder ilimitado do soberano, a diferenciação em ordens e castas, o valor das linhagens, para uma sociedade em que as violências e epidemias, a fome, tornam a morte iminente, o sangue constituía um dos valores essenciais, ou seja: ter um mesmo sangue, ser do mesmo sangue, pertencer a uma linhagem caracterizada por privilégios, o poder falar ‘através’ do sangue, era uma realidade com função simbólica. Evidentemente, com a Revolução Francesa, a sociedade do sangue cede lugar à sociedade do sexo, ou melhor, da sexualidade. “O sexo em Sade é sem norma, sem regra intrínseca (...); mas é submetido à lei ilimitada de um poder que, quanto a ele, só conhece

sua própria lei; (...) tal exercício o conduz a ser somente uma pura questão de soberania única e nua: direito ilimitado da monstrosidade onipotente. O sangue absorveu o sexo”. (FOUCAULT, 1997, p. 139)

Finalmente, reinscrito, o sexo selvagem, subversivo, discurso ilícito e da infração, significava que não havia no espírito de Sade, em sua “razão”, a interdição, normatização, de certas palavras e/ou práticas. Não havia a censura do vocabulário, o considerado decente. Havia, sim, o extenso e minucioso detalhamento da prática sexual, a descrição das mais estranhas, consideradas bizarras e fora das normas, práticas sexuais. No entanto, contraditoriamente, a mesma sociedade que o condenava, excluindo-o por ser às vezes louco, às vezes criminoso, o lia e adorava tudo o que Sade escrevia.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN. (1993). **História da literatura erótica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco.

BORGES, CONTADOR. (2003). Tradução, posfácio e notas. In: SADE, Marquês de. **A Filosofia na alcova ou os preceptores imorais**. 3 ed. São Paulo: Iluminuras.

FOUCAULT, MICHEL. (2002). **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2002. (Ditos e escritos; I)

_____. (2001)a. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001)b. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forence Universitária. (Ditos e escritos; III)

_____. (1997). **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal.

GAY, PETER. (1995). **O cultivo do ódio**. A experiência burguesa da Rainha Vitória e Freud. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras.

ORTEGA, FRANCISCO. (1999). **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal.

SADE, MARQUÊS DE. (2003). **A filosofia na alcova ou os preceptores imorais**. 3 ed. São Paulo: Iluminuras.

_____. (2003). **Justine ou os infortúnios da virtude**. São Paulo: Europa-América.

LA MATTRIE. (1982). **O homem-máquina**. Lisboa: Editorial Estampa.